

ICONOGRAFIA DA FACHADA DA IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO EM SALVADOR, BAHIA

Prof. Dr. Percival Tirapeli
Instituto de Artes da UNESP



A fachada em pedra da igreja da Ordem Terceira de São Francisco em Salvador é uma das obras mais importantes do barroco brasileiro pela sua singularidade expressa no estilo plateresco. Construída nos primeiros anos do século XVIII por mestre Gabriel Ribeiro, foi financiada pelos irmãos terceiros, conhecidos como ricos senhores detentores do comércio do Recôncavo Baiano. Reformada no início do século XIX, seu interior tornou-se neoclássico e a fachada encoberta por mais de um século por argamassa.

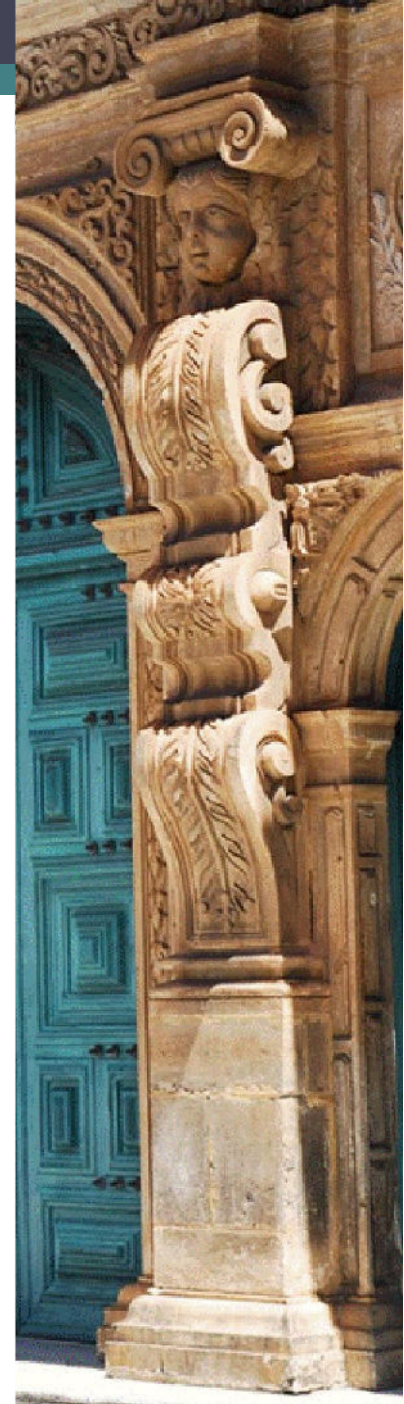




Mestre Gabriel Ribeiro, 1702 – 1705.

Outras obras – Portal do Solar dos Saldanha –desaparecido – portal do convento de Santa Teresa, Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

Toda sua simbologia é referente a São Francisco Penitente e servia como alusão aos terceiros seguidores de tais sacrifícios penitentes. Apontamos para a possível união entre símbolos cristãos e pagãos: duas esculturas de atlantes cercados por anjos que significariam alegorias do deus do comércio, Hermes, ou ainda dos rios Paraguaçu e São Francisco.





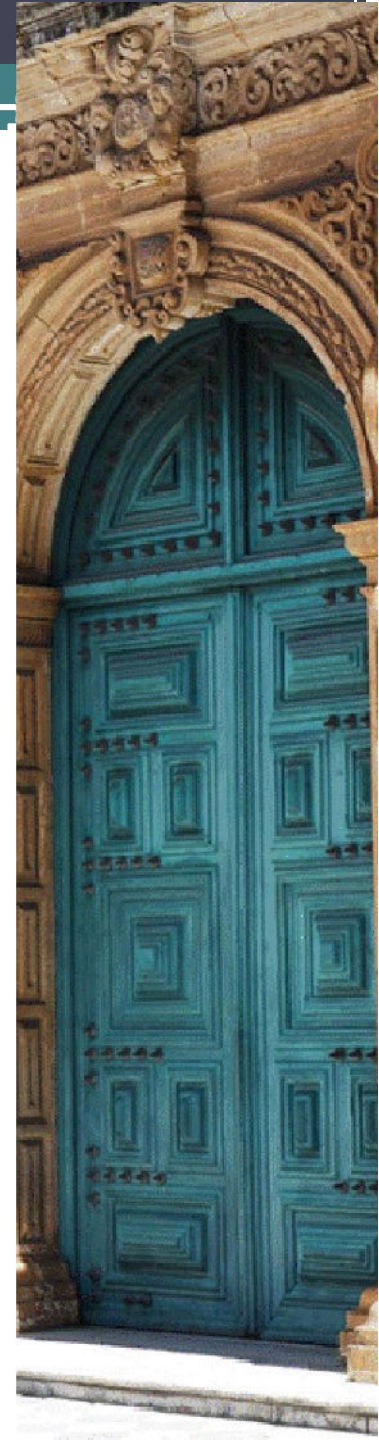
A posição encontrada para sua construção, com um recuo considerável - evidenciado pelas obras de contenção do terreno acidentado na parte posterior – a formação de um adro murado para funções próprias da igreja.





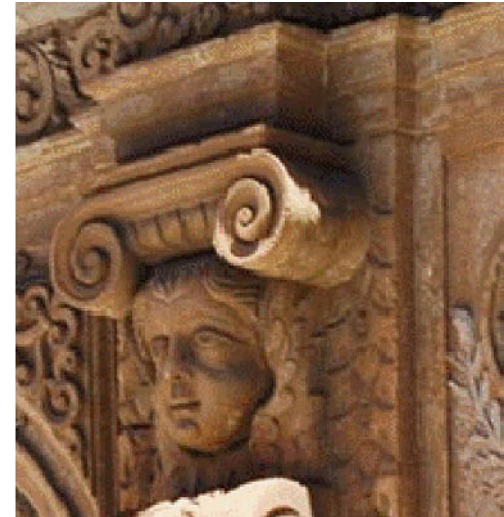
O senhor da elite que não entrasse na ordem terceira franciscana era visto como parte dos "outros brancos que ficaram de fora" e poderia ir para os terceiros dominicanos ou mesmo carmelitas.

Assim, a luta por se distinguirem nos círculos sociais os obriga também a permanecerem em um espaço fechado, mas ao mesmo tempo serem visíveis aos outros. É sem dúvida o primeiro ato do espetáculo barroco iniciado fora do templo, ao sol, e continuado no interior.



O frontispício é dividido em três planos horizontais sobrepostos: o portal, duas portas laterais menores no térreo em arco pleno e folhas almofadadas e óculos; o corpo central que corresponde ao coro, com duas janelas do coro, e o nicho com a escultura de São Francisco; a parte superior do triângulo frontão encimado pelo acrotério com a cruz e dois anjinhos.

Verticalmente forma três corpos dispostos entre quatro pilastras compostas de três volutas, cariátides e capitéis jônicos na parte térrea. Na parte superior as colunas com atlantes estão sobre volutas inversas duplas que servem de base para caras de anjos de gola e, à guisa de capitel, mais volutas tendo em sua parte inferior, sobre a cabeça dos atlantes, um festão com flores e frutos.







Cariátide e atlante com indumentária greco-romana.





No corpo central onde está o nicho com São Francisco, há uma seqüência de elementos iniciados pela aduela do portal com a data da construção e inscrição SPPM - *Ao Seráfico Pai construiu Mercedamente* - depois o torso de duas sereias ladeiam uma coroa de espinhos com o IHS - *Jesus Salvador dos Homens*, em Latim - uma grande voluta com elementos fitomórficos formando uma peanha para o santo.



Figuras pagãs
com maça,
vestimentas
gregas,
segurando
roupas ou
moedas



No caso em análise, se observam os três arcos no térreo, os quatro atlantes na parte superior sendo dois com atributos de divindades pagãs que estão ladeando o corpo central onde está o nicho.

Estes dois *telemones* ou atlantes - que poderiam ainda ser símbolo dos rios como o Paraguaçu ou São Francisco pelos quais se escoavam as riquezas baianas a julgar que o mesmo autor esculpiu dois Cronos - deus do tempo caracterizado por barbas e cabelos longos - no portal do Solar dos Saldanha.



Portanto entre dois anjos atlantes uma simbologia pagã, como o protetor do comércio, o Mercúrio, estaria balizado pela cristandade.

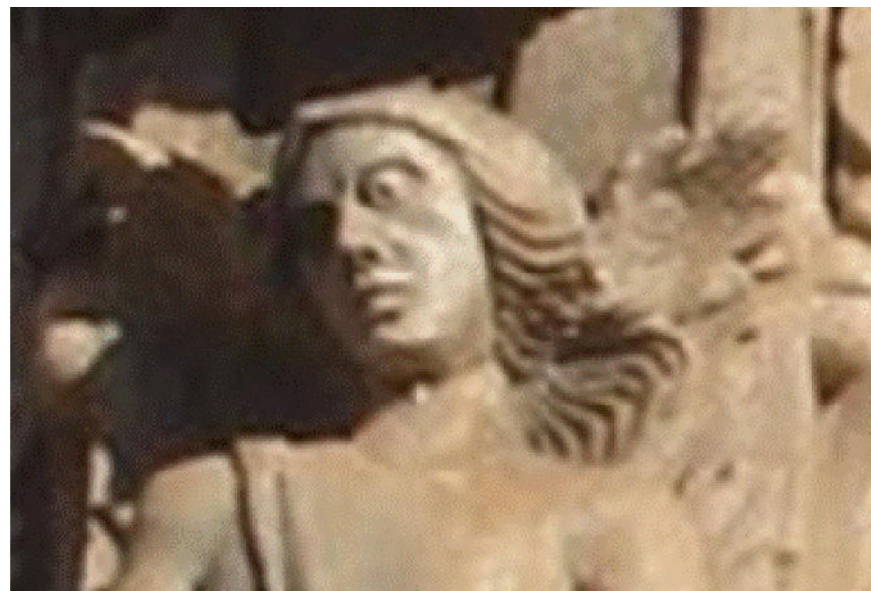
Suas cabeças com longas cabeleiras estão cobertas com capuzes colados dos quais nascem das abas esvoaçantes pequenas asas, tão visíveis nas fotografias de Clarival Valladares.

Simbologia pagã, comum no período barroco



Detalhes dos atlantes e as asas saindo de suas cabeças.
Referência iconográfica ao Mercúrio, deus do comércio.
A colocação das asas nos pés não resultariam em visibilidade.

Suas extremidades disfarçadas tanto podem ser asas animais como folhagens que dominam a composição. Note-se que, se postas em seus pés, não seriam visíveis, como é mais comum representar esta entidade pagã. Não se pode esquecer que esta fachada foi financiada por comerciantes, ricos portugueses que gastaram fortunas em tão dispendiosa obra.





As sereias ou *ondinas*, bastante presentes nas grades em jacarandá da igreja conventual, ganham um aspecto mais bidimensional acima do nicho. Os colares de pérolas naquelas da igreja conventual são, nas da fachada, deslocados para as cinturas.

Os mascarões ou *homens verdes* das grades franciscanas foram substituídos por anjos de gola. Apenas um mascarão é utilizado de maneira espetacular. Situado acima da coroa levantada pelas sereias, sobrepondo a rigidez geométrica da cornija na parte central, o mascarão é sem dúvida o elemento mais fantasioso.

Ele é puxado pelas garras da águia metamorfoseando o semblante felino que escancara uma boca cordiforme. Uma fita no bico da águia - a única ave animal que pode olhar a luz divina - tem dos dizeres *Per penitentiam coelo apropinquamus* (pela penitência nos aproximamos do céu).



Requinte de formas inspiradas em gravuras.

Tais modelos serviam tanto para madeira como para esculturas em pedras.

Semelhantes aos relevos em jacarandá feitos pelo frei Luís de Jesus para sacristia e balaustradas das capelas.

Assim o artista direcionado pelos símbolos da ordem terceira franciscana tem também suas soluções plásticas próprias como a rima entre as três formas cordiformes - a boca do mascarão e os corações coroados acima das janelas do coro. Outras soluções criativas são as colunas inferiores, à maneira dos quartelões, das talhas dos altares. Em outra obra do mesmo artista, na portada do Solar dos Saldanha ali próxima, ele coloca colunas convencionais maneiristas e dois atlantes que lembram a passagem do tempo.



Porém é nesta fachada que assume o desejo dos mecenas, ao colocar como atlante o deus Mercúrio, protetor dos comerciantes, segurando os tecidos das vestes que se transformam em bolsas dissimuladas e se apóiam em maçãs, à maneira das esculturas greco-romanas.

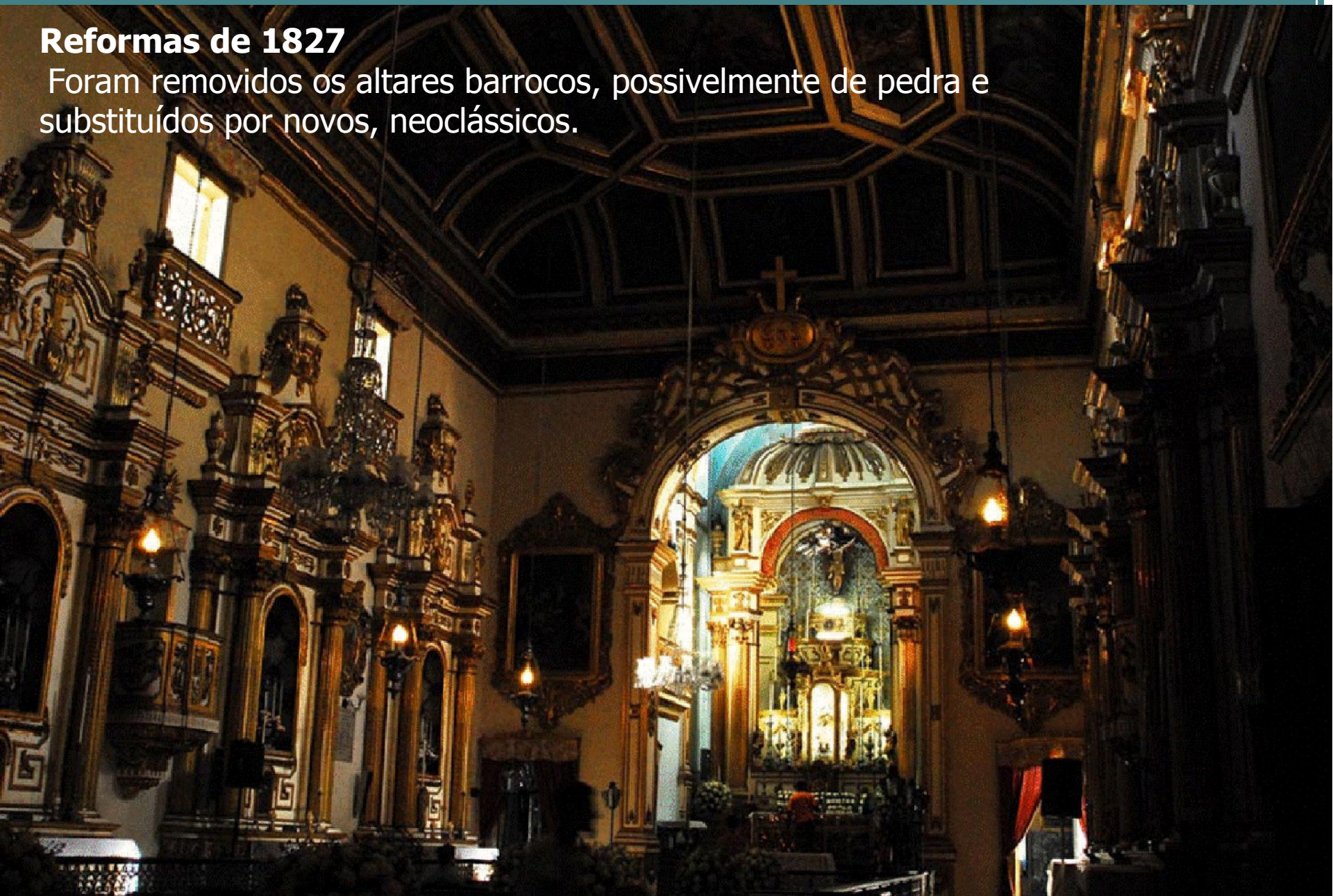
Elas lembram vagamente a figura do herói Hércules que teve de cumprir os doze trabalhos antes de merecer o panteão dos deuses. Entre elementos pagãos e cristãos, reforça o artista a presença mais religiosa dos atlantes laterais e, anjos menores a seus pés e nos capitéis jônicos logo abaixo.

Obra singular da arte colonial nos trópicos, surgida da mescla de interesses e vontades de comerciantes mecenas e a criatividade e técnica de artistas locais, a fachada da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência merece sem dúvida a atenção tanto de estudiosos quanto de apreciadores da beleza.

Germain Bazin cogitou que também o retábulo interno, desaparecido com a reforma do século XIX, poderia ter sido em pedra.

Reformas de 1827

Foram removidos os altares barrocos, possivelmente de pedra e substituídos por novos, neoclássicos.





Antônio Francisco Velasco,
pintura do forro da nave.
1831.

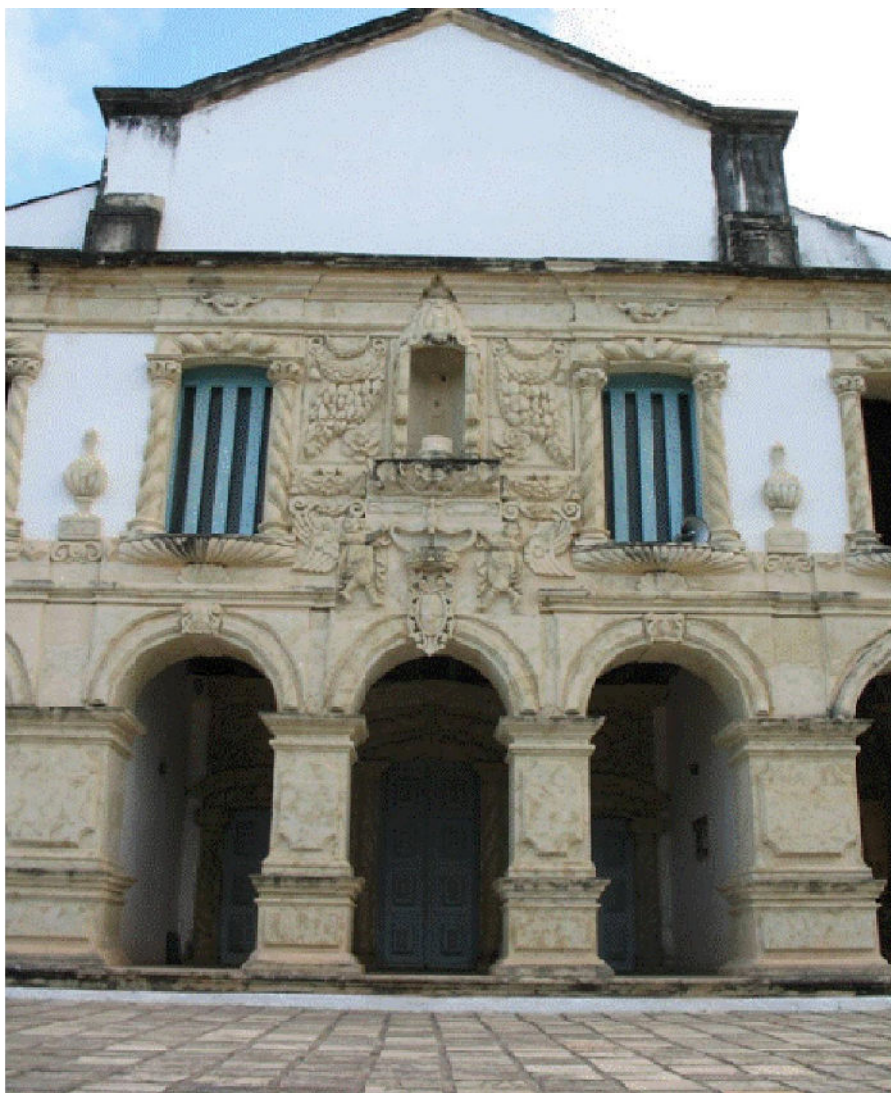
FACHADAS, ALTARES E PORTADAS EM PEDRA NO NORDESTE E AMÉRICA ESPANHOLA



Sereias ou ondinas. Fachada da igreja da Companhia de Jesus, Arequipa, Peru.



Sereia na portada da igreja de São Pedro dos Clérigos no Recife, Pernambuco. 1728.



Fachada e altar mor da igreja N. Sra.
da Guia, Lucena, Paraíba. 1760



Fachada do conjunto
carmelita de João
Pessoa, Paraíba.
1777.





Abóbada em pedra, sacristia da Ordem Terceira do Carmo, João Pessoa, Paraíba



Fachada da
igreja da
Companhia de
Jesus na cidade
de Cusco, Peru.
1650



Fachada da Companhia de Jesus em Arequipa, Peru. 1654



Fachada lateral do
Sagrário da Catedral
da Cidade do México.
Estilo churrigueiresco.



Fachada e detalhe da igreja de São Lourenço, Potosí, Bolívia. 1552.

Fachada tardo barroca da igreja da Companhia de Jesus em Quito, Equador.



Bibliografia

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt. Mentalidade e Estética na Bahia Colonial. A Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis da Bahia e o Frontispício de sua Igreja. Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, 1996.

JORDAN, Katia Fraga. Bahia: Tesouros da Fé. Salvador, Coelba, 2000.

NECO, José. O Edifício da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Salvador e os seus Azulejos. In Festa Barroca a Azul e Branco. Lisboa, FRESS, 2002.

OTT, Carlos. História das Artes Plásticas na Bahia. (1500-1900).

TIRAPELI, Percival. Igrejas Barrocas do Brasil. São Paulo : Metalivros, 2008.

VALLADARES, Clarival do Prado. Nordeste Histórico e Monumental. Salvador, Fund. Odebrecht, vol. IV, 1990.